A TRADIÇÃO CERÂMICA TUPIGUARANI NA AMÉRICA DO SUL

José Proenza Brochado

da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

No leste da América do Sul — principalmente na chamada **faixa costeira**, entre a desembocadura do rio da Prata e o Nordeste do Brasil e nas bacias dos rios Paraná e Uruguai — foram identificados mais de mil sítios arqueológicos com uma cerâmica que proponho teria pertencido aos antepassados dos Tupi-Guarani históricos, um modelo interpretativo de cujas migrações pré-históricas é apresentado.

I. SÍNTESE DA ARQUEOLOGIA DA TRADIÇÃO CERÂMICA TUPIGUARANI

A. Introdução

Mais de 100 autores já trataram do problema da cerâmica que vamos sucintamente descrever. As primeiras notícias foram dadas pelos cronistas dos séculos XVI e XVII. Começou a ser cientificamente estudada a partir do final do século XIX, mas a caracterização atual da tradição cerâmica se baseia principalmente nas descrições e sínteses de A. Métraux, A. Serrano, M. Schmidt, S. K. Lothrop, V. D. Watson, H. Baldus, F. Altenfelder Silva, O. Blasi, J. A. Pereira Jr., P. I. Schmitz, O. F. A. Menghin, B. Susnik, A. Laming e J. Empereire, I. Chmyz, C. Evans e B. J. Meggers, J. P. Brochado, V. Calderón

O. F. Dias S. Maranca, E. Th. Miller, N. A. S. Nasser, C. Perota, W. F. Piazza, I. I. B. Becker, G. Naune, P. A. Mentz Ribeiro, A. Beck, L. Pallestrini, M. C. M. C. Beltrão, I. Wüst, E. Fensterseifer, M. Albuquerque, E. M. Cigliano, V. A. Múñez Regueiro, R. Boretto C., R. R. Bernal e J. Baeza M.

Para ampliar e melhor compreender a presente síntese, consultar as publicações do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) de 1967 a 1974, assim como: Seminário, 1966; id., 1969; Brochado et al., 1969; PRONAPA, 1970; e Brochado, 1973. a; id., 1973. b. Para a bibliografia completa, consultar: Pereira Jr., 1967; Simões, 1972 Brochado, 1973, a; id., 1973, b.

B. Material arqueológico

Pela própria imposição da conservação diferencial do material arqueológico, os critérios usados para caracterizar os elementos ou técnicas da tradição cerâmica Tupi-guarani que apresentam suficiente persistência temporal, são basicamente industriais. Foram usados como atributos taxonômicos característicos do contexto, unicamente as vasilhas de cerâmica ou seus fragmentos e alguns poucos artefatos líticos.

1. Descrição:

a. Cerâmica

Toda a cerâmica da tradição foi confeccionada pela técnica do enrolamento em espiral de cordões de barro; isto é, **acordelada** e apresenta cozimento incompleto.

(1) Pasta:

A presença de grãos de cerâmicas moída, parece ser a característica mais importante da pasta da cerâmica da tradição que pode ser atribuída a fatores culturais, e este tempero está quase sempre acompanhado de grãos de areia de dimensões variáveis.

A tipologia da cerâmica da tradição se baseia principalmente nas (2) técnicas de tratamento da superfície e na (3) morfologia das vasilhas.

(2) Tratamento da superfície:

A superfície externa das vasilhas pode ter sido mantida (a) sem decoração; isto é, ter sido simplesmente alisada; ou apresentar (b) decoração plástica ou (c) pintada.

(b) Decoração plástica:

A decoração plástica mais popular é quase sempre a (i) **corrugada**, feita com os dedos ou com uma espátula, com variações na intensidade e disposição rítmica, produzindo subtipos como o corrugado complicado, o corrugado espatulado, o corrugado-ungulado, o corrugado imbricado e o corrugado simples. Bem menos popular é a decoração (ii), **ungulada**, feita com as unhas, (iii) **escovada**, alisada com um objeto cheio de pontas e (iv) **entalhada na borda**. Menos populares ainda, na maior parte dos casos, são: o (v) ponteadado, (vi) serrungulado, (vii) inciso. Ainda mais raros são: (viii) acanalado, (ix) canelado, (x) estampado, (xi) digitado, (xii) digitungulado, (xiii) marcado com corda, (xiv) estampado com rede, (xv) marcado com tecido, (xvi), nodulado, (xvii) pinçado ou beliscado e (xviii) roletado.

(c) Decoração pintada:

A decoração pintada inclui diversos padrões. O mais popular consiste em (i) linhas finas e faixas mais largas em vermelho e/ou castanho, desenhadas sobre um fundo pintado de branco ou creme. As linhas finas são as vezes acompanhadas por linhas

de pontos e desenham padrões geométricos, como. paralelas, ziguezagues, quadriculados, círculos, retângulos e cruzes concêntricas e gregas. Mais raramente as linhas são livres. As faixas mais largas são paralelas entre si e se situam quase sempre nas inflexões da parede das vasilhas. Menos populares são (i) linhas brancas e/ou pretas, sempre mais largas que as (ii) desenhadas sobre um fundo pintado de vermelho. Relativamente raras são (iii) a pintura monocroma, vermelha ou mais raramente preta, as (iv) faixas vermelhas aplicadas diretamente sobre a superfície sem pintar e (v) as faixas vermelhas e/ou pretas, mais largas que as (ii) pintadas provavelmente com os dedos, diretamente sobre a superfície ou sobre um fundo previamente pintado.

A pintura pode ter sido aplicada tanto na superfície externa como interna das vasilhas, mas se observa que a pintura é mais comum externamente nas formas fechadas e internamente nas formas abertas.

Ocorre frequentemente a combinação de diferentes técnicas de tratamento da superfície na mesma vasilha, assim como a alternância de áreas decoradas e não-decoradas. A alternância da decoração pode criar um efeito de faixas, a chamada decoração zonal ou zonária. Raramente se combina e decoração plástica com a pintura, mesmo em superfícies opostas da mesma vasilha.

As técnicas básicas mais populares são: o **alisamento** da superfície, o **corrugado** e o **escovado**. Estas técnicas de tratamento da superfície apresentam uma persistência temporal muito grande, durando praticamente tanto quanto durou a tradição. As técnicas menos usadas ou mais raras de tratamento da superfície são, as vezes, encontradas somente em uma região e época determinada. O entalhado na borda e o acanelado só apresentam alguma popularidade relativa no Nordeste e o serrungulado e o escovado no Sul. Os marcados com corda, rede ou tecido somente aparecem no alto Iguaçu.

Em geral se encontram, num mesmo sítio, fragmentos de cerâmica apresentando todas as técnicas de tratamento da superfície que são mais populares na área, raramente falta alguma, mas as proporções variam de sítio para sítio e de época para época.

(3) Morfologia:

As únicas formas características comuns a tradição praticamente em todo o tempo e lugar, são as tijelas em forma de calota de esfera e os vasos esferóides com bordas extrovertidas. São também características as bordas de perfil cambado e reforçadas externamente e a ausência de elementos de prensão, como alças ou asas. As restantes formas e as correspondentes dimensões das vasilhas, variam bastante e apresentam, como veremos, distribuições regionais diferentes.

b. Material lítico

O material lítico que acompanha a cerâmica nos sítios arqueológicos consiste, principalmente, em (1) lâminas de machado trapezoidais polidos de pequenas dimensões e (2) adornos labiais em forma de T (**tembetá**). Ocorrem também (3) lascas retocadas como **facas** ou **raspadores**, (4) pequenas lascas naturalmente cortantes ou ponteadas, (5) **choppers**, (6) **chopping-tools**, (7) polidores em canaleta; coincidentes com a distribuição areal e temporal dos **tembetá**; (8) polidores planos, (9) pendentes polidos perfurados e (10) mineral corante vermelho.

2. Divisão em subtradições:

Durante o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas foi proposta e estabelecida a divisão da tradição em três subtradições. **Pintada**, **Corrugada** e **Escovada**, que teriam também conotações evolutivas pois, no seu início, teriam se sucedido uma a outra no tempo. Na **subtradição Pintada**, que seria a mais antiga, a maior parte da cerâmica não tem decoração, mas na cerâmica decorada predomina a pintura policrômica. Na **subtradição Corrugada**, que teria seguido a Pintada, predomina a decoração corrugada.

de pontos e desenham padrões geométricos, como. paralelas, ziguezagues, quadriculados, círculos, retângulos e cruzes concêntricas e gregas. Mais raramente as linhas são livres. As faixas mais largas são paralelas entre si e se situam quase sempre nas inflexões da parede das vasilhas. Menos populares são (i) linhas brancas e/ou pretas, sempre mais largas que as (ii) desenhadas sobre um fundo pintado de vermelho. Relativamente raras são (iii) a pintura monocroma, vermelha ou mais raramente preta, as (iv) faixas vermelhas aplicadas diretamente sobre a superfície sem pintar e (v) as faixas vermelhas e/ou pretas, mais largas que as (i) pintadas provavelmente com os dedos, diretamente sobre a superfície ou sobre um fundo previamente pintado.

A pintura pode ter sido aplicada tanto na superfície externa como interna das vasilhas, mas se observa que a pintura é mais comum externamente nas formas fechadas e internamente nas formas abertas.

Ocorre frequentemente a combinação de diferentes técnicas de tratamento da superfície na mesma vasilha, assim como a alternância de áreas decoradas e não-decoradas. A alternância da decoração pode criar um efeito de faixas, a chamada decoração zonal ou zonária. Raramente se combina a decoração plástica com a pintura, mesmo em superfícies opostas da mesma vasilha.

As técnicas básicas mais populares são: o **alisamento** da superfície, o **corrugado** e o **escovado**. Estas técnicas de tratamento da superfície apresentam uma persistência temporal muito grande, durando praticamente tanto quanto durou a tradição. As técnicas menos usadas ou mais raras de tratamento da superfície são, as vezes, encontradas somente em uma região e época determinada. O entalhado na borda e o acanelado só apresentam alguma popularidade relativa no Nordeste e o serrungulado e o escovado no Sul. Os marcados com corda, rede ou tecido somente aparecem no alto Iguaçu.

Em geral se encontram, num mesmo sítio, fragmentos de cerâmica apresentando todas as técnicas de tratamento da superfície que são mais populares na área, raramente falta alguma, mas as proporções variam de sítio para sítio e de época para época.

(3) Morfologia:

As únicas formas características comuns a tradição praticamente em todo o tempo e lugar, são as tijelas em forma de calota de esfera e os vasos esferóides com bordas extrovertidas. São também características as bordas de perfil cambado e reforçadas externamente e a ausência de elementos de prensão, como alças ou asas. As restantes formas e as correspondentes dimensões das vasilhas, variam bastante e apresentam, como veremos, distribuições regionais diferentes.

b. Material lítico

O material lítico que acompanha a cerâmica nos sítios arqueológicos consiste, principalmente, em (1) lâminas de machado trapezoidais polidos de pequenas dimensões e (2) adornos labiais em forma de T (**tembetá**). Ocorrem também (3) lascas retoçadas como **facas** ou **raspadores**, (4) pequenas lascas naturalmente cortantes ou ponteadas, (5) **choppers**, (6) **chopping-tools**, (7) polidores em canaleta; coincidentes com a distribuição areal e temporal dos **tembetá**; (8) polidores planos, (9) pendentes polidos perfurados e (10) mineral corante vermelho.

2. Divisão em subtradições:

Durante o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas foi proposta e estabelecida a divisão da tradição em três subtradições. **Pintada**, **Corrugada** e **Escovada**, que teriam também conotações evolutivas pois, no seu início, teriam se sucedido uma a outra no tempo. Na **subtradição Pintada**, que seria a mais antiga, a maior parte da cerâmica não tem decoração, mas na cerâmica decorada predomina a pintura policrômica. Na **subtradição Corrugada**, que teria seguido a Pintada, predomina a decoração corrugada.

Na **subtradição Escovada**, muito tardia, predominaria esta técnica de tratamento da superfície. A esta última subtradição poderia ainda suceder, a partir do século XVI, a tradição Tupiguarani através de um processo de aculturação com a cerâmica européia e talvez africana.

Como atualmente existem datações radiocarbônicas (C14) tão antigas para a subtradição Corrugada como para a Pintada, desaparece o seu valor temporal e as diferenças na popularidade relativa dos tipos de decoração podem ser interpretadas como resultando de causas diferentes nas diversas regiões. Na região Sul, a subtradição Pintada é assim chamada simplesmente porque a cerâmica apresenta um pouco mais de popularidade da decoração pintada policrômica do que da plástica corrugada, mas as vasilhas têm uma morfologia inteiramente diferente das da subtradição Pintada na região Leste e Nordeste. Por sua vez, na região Leste e Nordeste a assim chamada subtradição Corrugada, poderia ter resultado simplesmente do empobrecimento geral da decoração, maior no caso da pintura do que no do corrugado.

Portanto, estou propondo uma divisão em subtradições baseada na distribuição regional da popularidade relativa das técnicas de tratamento da superfície e das formas das vasilhas.

a. Subtradição da região Leste e Nordeste

(1) Tratamento da superfície:

A maior parte da superfície das vasilhas é decorada, predominando a decoração decorada predomina a pintura policrômica, o unglado, o entalhado na borda e o canelado. A decoração é pouco frequente.

(2) Morfologia: As formas características mais populares são os pratos rasos e os alguidares ou tigelas de base plana ou aplanada, usualmente com o perímetro da boca, oval ou quadrangulíde, que podem atingir até 55cm de diâmetro maior. As vasilhas carenadas e com ombros são muito raras.

b. Subtradição da região Sul

(1) Tratamento da superfície:

A maior parte da superfície das vasilhas é decorada, predominando a decoração plástica corrugada, com suas variantes, principalmente o corrugado-ungulado, e a pintura policrômica.

(2) Morfologia:

As formas características mais populares são as vasilhas de contorno composto, carenadas, com **pescoço** e **ombro** bem marcados, perímetro da boca circular, bordas cambradas reforçadas externamente e bases arredondadas ou cônicas, que podem atingir até 1m de altura e de diâmetro máximo. São menos frequentes as formas com sulco mediano no bojo ou em dupla esfera.

c. Outras subtradições

Um número menor de sítios espalhados nas regiões Leste, Nordeste, Centro-Oeste (Goiás) e Norte (Pará), não podem ser facilmente classificados em uma ou outra destas duas subtradições e ao mesmo tempo, não possuem características suficientemente homogêneas para conformar uma terceira subtradição. Na forma e no tratamento da superfície, as vasilhas se parecem em geral mais com as da subtradição da região Sul do que com as da subtradição da região Leste e Nordeste. A decoração pode ser relativamente pouca e as formas carenadas podem existir ou não, mas também não se observam as formas típicas das vasilhas da subtradição da região Leste e Nordeste.

C. Sítios arqueológicos

Os sítios que se acredita sejam os locais onde estiveram as aldeias, acampamentos e cemitérios dos indígenas portadores desta tradição cerâmica, estão em geral indicados unicamente pelos fragmentos de cerâmica espalhados sobre o solo. Estas áreas podem variar desde menos de 100ms² (isto é mais ou menos 10x10m) até máximos de 20 000ms² a 50 000ms² (isto é, mais ou menos 2000x100m a 5000x100). A espessura da camada arqueológica raramente ultrapassa os 30 ou 40cm e em geral não é maior do que 15 ou 30cm, de maneira que, na maior parte dos casos, somente é possível executar coletas superficiais dos fragmentos cerâmicos e líticos espalhados na área destes sítios; mas em alguns casos existe, subjacente, uma estrutura resultante da ocupação, caracterizada pela mudança de coloração do terreno.

Na maior parte dos sítios se observa claramente uma distribuição diferencial dos fragmentos de cerâmica que se concentram nos locais onde, se acredita, ficavam situadas as habitações. Enterramentos humanos em vasilhas de dimensões variáveis, se encontram muitas vezes também relacionados aos sítios;

1. Distribuição dos sítios

O número total de sítios onde se encontrou a cerâmica da tradição foi calculado em 1 063, dos quais 1 000 apresentam cerâmica puramente indígena e 63 representam já o primeiro momento da aculturação da tradição cerâmica Tupiguarani com a européia, nas Reduções dos séculos XVI a XVIII. Dos 1 000 sítios indígenas, 826 podem ser classificados na subtradição da região Sul, 100 na subtradição da região Leste e Nordeste, 55 não podem ser classificados exatamente em nenhuma destas duas subtradições, 19 não apresentam dados suficientes para a sua identificação.

Do total de 1 063 sítios, 994 se encontram no território brasileiro e 69 se distribuem no Uruguai, Argentina e Paraguai.

A área que já foi arqueologicamente pesquisada na América do Sul, em conexão com o problema da tradição, constitui uma faixa de mais de 4 000km de extensão, variando de 500 a 1 000km de largura, situada ao longo do litoral atlântico, desde a desembocadura do rio da Prata até o Nordeste do Brasil. Os sítios da tradição não se distribuem portanto igualmente sobre toda esta área, mas se concentram nas bacias dos rios Paraná e Uruguai e no litoral atlântico. A maior concentração de sítios (83%) se acha nas bacias dos rios Paraná e Uruguai, entre o Paranapanema e a laguna dos Patos — sendo mais numerosos nos vales dos rios Paranapanema, Ivaí, Iguaçú, alto Uruguai e Jacuí, na escarpa do planalto meridional do Brasil voltada para o vale do Jacuí e na costa da laguna dos Patos. Os restantes 17% se concentram no litoral atlântico, desde a baía da Guanabara até o Rio Grande do Norte ou se espalham no vale do São Francisco, nas bacias do Nordeste e em Goiás, no divisor Paraná-Araguaia.

A área total ocupada pela maior concentração de sítios pode ser calculada entre 1 200 000 e 1 600 000km².

2. Ecologia

A tradição não ocupou indiscriminadamente todo e qualquer ambiente existente dentro da imensa área da sua dispersão; pelo contrário, a aproximação ecológica do estudo das determinantes dos padrões de ocupação, indica que a tradição apresentou correlações positivas e negativas com determinadas características dos diferentes ambientes à sua disposição. As correlações foram positivas com respeito (a) à temperatura média anual, (b) à quantidade de chuva anual, (c) às formações florestais, principalmente à mata pluvial tropical e às matas subtropicais e (d) à proximidade dos grandes rios, das lagunas e do oceano. As correlações foram negativas com (e) a extensão da estação seca ou o número de dias biologicamente secos do ano, (f) a altitude, que

se relaciona, é claro, com a diminuição da temperatura média anual e (g) as formações não-florestais: campos, cerrado e caatinga.

Com o passar do tempo parece que se observa alguma forma de adaptação, isto é, a diminuição dos coeficientes negativos de correlação; esta adaptação teria sido imposta pelo sentido das migrações, levando a tradição para ambientes diferentes.

Em resumo, é possível reconstituir da seguinte maneira as características do habitat preferencial dos portadores desta tradição cerâmica, contrastando-o com os ambientes diferentes, ocupados apenas esporadicamente.

a. Clima.

Do total de 1 000 sítios da tradição, entre 910 e 980, isto é de 91% a 98%, se concentram em regiões com as seguintes características climáticas (médias anuais): Temperatura média entre 16° e 24°C, temperatura máxima entre 22° e 30°, temperatura mínima entre 11° e 21°C, ou entre 11° e 15°C (77,7%), amplitude térmica entre 5° e 13°C, frequência média de geadas até 5 dias por ano. O mês mais quente é janeiro ou fevereiro e o mais frio, julho. Pluviosidade entre 1 000 e 2 000mm, caindo entre 70 e 200 dias por ano e igualmente distribuída durante todo o ano ou mais no semestre do verão. Umidade relativa entre 70% e mais de 80%.

(1) Tipo de clima segundo Köppen:

Dos 1 000 sítios indígenas, entre 970 e 960, isto é de 96% a 97%, ocupam formações de clima chuvoso todo o ano, sem estação seca, principalmente (73%) do tipo **Cfa** — úmido mesotérmico subtropical com verões quentes. Os restantes 18% se encontram em regiões de clima do tipo **Cwa** e **Aw** — com curta estação seca no inverno.

(2) Tipo de clima segundo Gaussen:

Oitocentos e sete sítios se concentram em regiões bioclimáticas **axéricas** — sem nenhum dia biologicamente seco durante o ano, índice xerotérmico 0 (80,7%), principalmente na **7.a** — **eumesaxérica** (temperada quente) ou subtropical (64,7) e na **6.b** — **hipotermaxérica** (subequatorial) ou peritropical (13%) e **6.a** — **eutermaxérica** ou equatorial (3%). Os restantes 193 sítios se acham em regiões bioclimáticas **xéricas**, com 1 a 11 meses biologicamente secos durante o ano, índice xerotérmico de 0-40 a 40-250 (19,3%), principalmente nas **4.a,b,c,d** e **d'** — **xeroquimênica** (tropical) com seca de inverno ou tropical quente de seca acentuada, média ou atenuada ou sub-seca, principalmente o último, tropical sub-quente e sub-seco (16,9%).

b. Topografia.

A maioria dos sítios se encontram até 300m das margens dos grandes rios, de lagunas ou do oceano, em altitudes abaixo de 400m s.n.m. e se acham sobre as zonas planas ou pediplanadas dos derrames basálticos da bacia do Paraná e dos sedimentos antigos ou recentes que os recobrem, ou das rochas cristalinas pré-cambrianas das bacias do leste e nordeste ou dos sedimentos recentes que as recobrem.

c. Vegetação.

Dos 1 000 sítios indígenas, entre 970 e 960, isto é de 96% a 97%, ocupam formações florestais úmidas, principalmente se concentrando nas estacionais subcaducifólias, como a mata úmida subtropical, a **mata de restinga**, a mata **mesófila** e o **cerradão** (81%) ou nas perenifólias latifoliadas, como a **hiléia bahiana** e a **mata atlântica** (13%).

Devido a sua própria situação geográfica, se observa que enquanto a maioria dos 826 sítios classificados na subtradição da região Sul, ocupam um extremo das variações climáticas descritas acima, os 174 sítios restantes, classificados na subtradição da região Leste e Nordeste ou ainda não classificados, ocupam o outro extremo.

D. Cronologia da tradição

A posição cronológica dos sítios com cerâmica desta tradição foi fixada por meio de datações absolutas e de sequências cronológicas seriadas.

1. Datações absolutas:

Foram efetuadas até agora mais de 60 datações pelo método do radiocarbono (C14) e 7 pelo da termoluminescência (TL), nem todas aceitas porém como correspondendo à realidade. Também se obtiveram várias outras pela ocupação conjunta por indígenas e europeus de sítios que podem ser historicamente datados, como Reduções e Povos das missões religiosas, fortes, feitorias e aldeias. A manutenção de contatos com os colonizadores europeus também serviu como meio de obter datações de diversos sítios próximos dos acima descritos.

2. Estabelecimento de sequências cronológicas seriadas:

Usando como armação cronológica as datações absolutas acima referidas, foram estabelecidas sequências seriadas baseadas no cálculo da frequência relativa dos atributos da cerâmica: tipos e modos — e sua variação de nível para nível nas escavações estratigráficas e de sítio para sítio nas coleções superficiais, na suposição de que, pelo menos dentro de determinadas áreas limitadas, todos os níveis ou sítios que apresentarem as mesmas frequências relativas serão contemporâneos.

3. Estabelecimento de fases arqueológicas:

Segundo estas datações absolutas e relativas, a tradição cerâmica Tupiguarani teria se estendido desde ca. A.D. 400 ou talvez A.D. 150, até o fim do século XVIII e em alguns casos até mesmo o final do século XIX, apresentando portanto uma profundidade temporal de 1 400 a 1 700 anos.

A duração total da tradição foi dividida, durante o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, em grande número de fases, sendo estas entendidas como comunidades arqueológicas identificadas através de uma sequência seriada, o que quer dizer simplesmente que cada fase contém todos os sítios cuja cerâmica faz parte da mesma sequência seriada. Foram estabelecidas até agora 71 fases, das quais 20 pertencem à subtradição Pintada, 5 à transição entre as subtradições Pintada e Corrugada, 36 pertencem à subtradição Corrugada, 1 a transição entre a Corrugada e a Escovada, 6 e 3 são difíceis de classificar.

As fases estabelecidas desta maneira raramente se sucedem umas as outras, formando sequências regionais, como seria de esperar; na maior parte dos casos duram muito tempo, as vezes quase tanto quanto toda a duração da própria tradição e são temporalmente sincrônicas com outras da mesma área ou de áreas diferentes, de maneira que na maioria das vezes não têm valor cronológico. Assim como estão, pensamos que representam mais diferenças regionais ou mesmo locais do que propriamente temporais.

4. Variações temporais da cerâmica:

Foram bem poucas as variações apresentadas pela cerâmica durante os 1 500 anos de duração média da tradição.

a. Pasta:

O tempêro de grãos de cerâmica moída, apesar de apresentar muitas flutuações quantitativas, se mantém durante praticamente toda a duração da tradição, mas a proporção do tempêro de grãos de areia que o acompanha, varia bastante. Em resumo se pode dizer que a pasta é geralmente mais argilosa nas épocas mais antigas e vai se

tornando mais arenosa a medida que se aproxima o final da tradição, mas o tempêro de cerâmica moida somente desaparece na cerâmica atribuída aos grupos indígenas pré-cerâmicos que teriam adotado a cerâmica da tradição Tupiguarani, como por exemplo, os Tape do Rio Grande do Sul.

b. Tratamento da superfície.

As mesmas técnicas de tratamento das superfícies se mantêm durante praticamente toda a duração da tradição, apenas variando a sua popularidade relativa. No início, parece que áreas relativamente equivalentes da superfície externa das vasilhas eram decoradas, com decoração plástica ou pintada, ou deixadas sem decorar; mas com o passar do tempo, na região Sul — em especial no Rio Grande do Sul, único caso que conhecemos com detalhes devido as sequências cronológicas que estabelecemos — se observa o crescimento da popularidade da decoração plástica corrugada, até alcançar 80% no período proto-histórico (século XVII). No entanto, as corrugações têm cada vez menos relêvo, até o ponto do tipo cerâmico **corrugado** se confundir com o simplesmente alisado. Por outro lado, aumenta a popularidade das unguações que em geral se sobrepõem às corrugações, formando o subtipo corrugado-ungulado.

Na subtradição do Leste e Nordeste, parece que, ao contrário, cresce a popularidade da cerâmica **sem** decoração, desde cerca de 60% na Guanabara, até quase 90% no Rio Grande do Norte, enquanto no interior do Nordeste chega a faltar completamente tanto a decoração plástica como a pintada. As corrugações também diminuem de relêvo até desaparecerem e são substituídas por outras técnicas, como o ungulado, o entalhado na borda e o acanalado. Devido ao pequeno número de datações absolutas para os sítios da subtradição do Leste e Nordeste, ainda é difícil estabelecer o sentido real da tendência.

Na cerâmica não incluída nas duas subtradições acima, parece ter ocorrido algo semelhante ao que teria acontecido na região Leste e Nordeste, diminuindo a popularidade da decoração plástica e pintada, mas a decoração plástica não chega a desaparecer completamente e a pintura somente falta no curso médio do São Francisco. Nos limites da região amazônica, a pintura pré-cocção é substituída pela pintura pós-cocção e aparecem adornos modelados, característicos.

E. Contatos e aculturação

Muitas vezes se observam fragmentos de cerâmica pertencentes a outras tradições regionais, nos sítios da tradição Tupiguarani ou, mais raramente, fragmentos da cerâmica desta tradição são encontrados em sítios de outras tradições. Estes achados são interpretados como indicando contatos entre os indígenas portadores das distintas tradições.

Os contatos inter-étnicos teriam se dado com as seguintes tradições regionais, aproximadamente na seguinte ordem:

1. **Casa de Pedra**, a partir de ca. A.D. 600;
2. **Itararé**, a partir de ca. A.D. 800;
3. **Taquara**, desde ca. A.D. 700;
4. **Una**, desde ca. A.D. 1 000;
5. **Vieira**, desde ca. A.D. 1 000;
6. **Aratu**, desde ca. A.D. 1 300;
7. **Fases Yeguada e Vizcaino**, desde ca. A.D. 1 300 — 1 500;
8. **Uru**, talvez desde ca. 1 200.

Em alguns casos, quase sempre depois dos contatos terem se prolongado por muito tempo, se observam fenômenos de aculturação. A aculturação por influência de cerâmicas estranhas, foi bem menor que a influência exercida sobre as outras tradições cerâmicas. Os poucos tipos de decoração plástica que parecem ter sido adotados na

tradição Tupiguarani, nunca chegaram a ser populares. Parece também que a tradição Tupiguarani foi influenciada em geral por cerâmicas com decoração plástica mais elaborada e influiu sobre outras muito pouco decoradas.

Os contatos parecem ter se dado quase sempre quando os portadores da tradição Tupiguarani penetraram nos ambientes diferentes ocupados pelas tradições regionais, como a mata de araucária do planalto meridional e o litoral lagunar no Sul, e o cerrado, no Centro-Oeste.

F. Resumo:

A tradição cerâmica Tupiguarani é caracterizada pela cerâmica simplesmente alisada (simples) ou com decoração plástica corrugada, corrugada-ungulada e ungulada, e pela pintura policrômica em linhas finas vermelhas e/ou pretas sobre fundo branco. As formas características das vasilhas são os pratos e as tigelas de base plana, com o perímetro da boca oval ou quadranguláide, na região Leste e Nordeste; e as jarras e tigelas carenadas com base redonda ou cônica, na região Sul; as quais, combinadas com a variação da popularidade das técnicas de tratamento da superfície, identificam duas subtradições, a do Leste e Nordeste e a do Sul.

Já foram prospeccionados mais de mil sítios, na maioria superficiais, variando de 1 000m² a 20 000m² de área, os quais se concentram nas bacias do alto Paraná e do alto Uruguai e no litoral atlântico desde a laguna dos Patos até o Rio Grande do Norte. Estes sítios se concentram em regiões de clima úmido subtropical sem estação seca, ou úmido tropical com curta estação seca no inverno, e se relacionam com a mata úmida subtropical, a mata de restinga, a *hiléia bahiana* e a mata atlântica.

A tradição se estendeu desde ao menos o século V da nossa Era até, em alguns lugares, o final do século XIX, portanto por uns 1 500 anos.

Durante o PRONAPA a tradição foi dividida em cerca de 71 fases arqueológicas que representam provavelmente mais diferenças regionais do que temporais.

As variações temporais mais importantes observadas na cerâmica foram: Na pasta, o aumento quantitativo do tempêro arenoso. No tratamento da superfície, na região Sul, cresce a popularidade da decoração corrugada-ungulada, cujo relêvo porém diminui; enquanto na região Leste e Nordeste diminui a popularidade da decoração plástica ou pintada, que, no interior, chega a faltar completamente.

Quando a tradição Tupiguarani penetrou em ambientes ocupados por outras tradições cerâmicas: Casa de Pedra, Itararé, Taquara, Una, Vieira, Aratu e Uru, ocorreram contatos inter-étnicos, dos quais, em alguns casos, resultaram fenômenos aculturativos.

II. CORRESPONDENCIA DOS DADOS ARQUEOLÓGICOS COM AS INFORMAÇÕES ÉTNO-HISTÓRICAS A RESPEITO DOS TUPI-GUARANI

A. Introdução

Quem produziu a cerâmica da tradição Tupiguarani? A identificação que propomos aqui se baseia na chamada aproximação histórica direta, a qual, usando o método dedutivo, conjuga os dados arqueológicos com as informações etno-históricas a respeito dos indígenas que habitaram as áreas onde se observa a maior concentração dos sítios desta tradição.

A existência de algum relacionamento entre a tradição cerâmica Tupiguarani e a cerâmica produzida pelos Tupi-Guarani, se acha implícita no próprio nome que foi dado à tradição pelos arqueólogos do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas, mas até agora este relacionamento não foi claramente justificado.

Partindo do ponto de vista de que existe, se não equivalência, pelo menos correspondência, entre os seguintes fenômenos culturais:

- (1) tradição cerâmica — cultura arqueológica;
- (2) subtradição cerâmica — subcultura ou fácies arqueológica regional;

e dado que, segundo os dados etnográficos, a cultura dos Tupiguarani poderia ser dividida em pelo menos duas subculturas, a dos Tupi e a dos Guarani; propomos que a área de dispersão da tradição cerâmica Tupiguarani, corresponderia, pelo menos parcialmente, à área cultural Tupi-Guarani, a subtradição da região Leste e Nordeste corresponderia à subcultura Tupi e a subtradição da região Sul, à Guarani. Quanto à cerâmica não classificada em nenhuma das duas subtradições, poderia corresponder: (a) a uma forma mais antiga, ainda não diferenciada, da tradição; (b) a uma terceira subtradição independente menos difundida; (c) ao resultado da interpenetração especial das duas subtradições ou (d) a um aspecto da própria subcultura Guarani.

A seguir resumimos as correspondências que encontramos entre os dados arqueológicos da tradição cerâmica Tupiguarani e as informações etnográficas a respeito dos Tupi-Guarani. A etnografia dos Tupi e Guarani antigos está baseada nas descrições dos cronistas dos séculos XVI a XVIII. Para os Tupi: Pero Vaz de Caminha, 1500; José de Anchieta, 1584; Gabriel Soares de Souza, 1530-2; Hans Staden, 1557; Jean de Léry, 15...; Thévet, 1575; Pero de Magalhães Gandavo, 1576; Claude D'Abbeville, 1614; Yves d'Evreux, 1613-4; Cristóbal de Acuña, 1639; Fernão Cardim, 16...; e Simão de Vasconcelos, 1663. Para os Guarani: Alvar Núñez Cabeza de Vaca, 15...; Ulrich Schmidel, 1534-54; Antonio Ruiz de Montoya, 1640; Nicolau del Techo, 1673; Félix de Azara, 1809, e Pedro Lozano, 1873-5.

Estas descrições foram sintetizadas por A. Métraux, 1948, a. —94; 1948. b: 95 — 133; F. Fernandes, 19... e B. Susnik, 1975, os quais também devem ser consultados para as bibliografias completas.

B. Distribuição

Etnografia. Os Tupi-Guarani históricos eram aqueles indígenas que falavam a língua Tupi-Guarani, da mesma família e sub-família linguística, pertencente ao tronco Tupi (Rodrigues, 1964). Ocupavam, no leste da América do Sul, uma imensa área que se estendia desde o norte da Amazônia até o rio da Prata e desde a costa atlântica até a bacia do Paraguai e além disso ainda apresentavam algumas extensões fora dessa área, pois alcançaram alguns pontos nas Guianas e na encosta oriental dos Andes (Mojos e Chaco).

Arqueologia: Os sítios com cerâmica da tradição Tupiguarani se encontram todos dentro das fronteiras etnográficas da dispersão dos falantes Tupi-Guarani, a pesar de não ocuparem toda a sua imensa área. A cerâmica desta tradição foi observada apenas em alguns pontos da Amazônia (Pará), mas nas bacias dos rios Paraná, Paraguai e Uругuai, na bacia do rio Jacuí e da laguna dos Patos, na costa atlântica, desde a desembocadura do rio da Prata até o Maranhão, no vale do São Francisco e nas bacias do Nordeste, a sua distribuição coincide muito bem com a distribuição dos Tupi-Guarani.

Etnografia: Segundo as descrições dos cronistas dos séculos XVI a XVIII, a maioria dos Tupi e Guarani históricos possuíam cerâmica. No entanto, os Tupi amazônicos não possuíam cerâmica ou a descrição desta diferia da dos restantes Tupi.

Arqueologia: A cerâmica descrita e ilustrada pelos cronistas como sendo produzida pelos Tupi costeiros dos séculos XVI e XVII, apresenta muitas semelhanças com a da subtradição da região Leste e Nordeste, enquanto a cerâmica que era produzida pelos Guarani até o século XIX, apresenta muitas semelhanças com a da subtradição

da região Sul. Por outro lado, a cerâmica da tradição Tupiguarani encontrada na área antes ocupada pelos Tupi amazônicos (Pará) está visivelmente influenciada por tradições cerâmicas exógenas, amazônicas, andinas ou circuncaríbias.

Etnogr.: Segundo os cronistas, os Tupi costeiros, no século XVI ocupavam o litoral e o interior imediato, desde aproximadamente o trópico de Capricórnio ou Cananéia, São Paulo, para o norte, até o Maranhão. Enquanto os Guarani ocupariam o litoral daí para o sul, até o rio da Prata, incluindo no interior as bacias dos rios Paraná, Paraguai, Uruguai e Jacuí.

Arqueol.: A distribuição dos sítios com cerâmica da subtradição da região Leste e Nordeste coincide com a distribuição dos Tupi históricos, exceptuando-se os Tupi amazônicos; enquanto que a distribuição dos sítios com cerâmica da subtradição da região sul, coincide exatamente com a dos Guarani históricos.

C. Subsistência

Etnogr.: Os Tupi-Guarani possuíam uma cultura do tipo de floresta tropical e baseavam a sua subsistência numa horticultura itinerante, tecnicamente simples mas eficiente e conservacionista, a **coivara**, que consiste na derrubada da vegetação nativa e sua queima, o plantio no solo fertilizado pelas cinzas e no abandono da roça depois de algumas colheitas em geral decrescentemente produtivas.

Arqueol.: Os sítios com cerâmica da tradição Tupiguarani ocupam quase que exclusivamente ambientes onde é possível este tipo de horticultura, como a **hileia** baiana, a mata, atlântica, a mata úmida subtropical, a mata de restinga, a mata **mesófila** e o **cerradão**.

Etnogr.: Os Tupi-Guarani cultivavam principalmente mandioca, milho, batata doce, cará, feijões, abóboras, amendoim e pimenta, além do fumo, algodão, cabaças, cuias, corantes (urucu, genipapo) e no caso dos Guarani, o mate. Os Tupi baseavam sua alimentação principalmente nas variedades tóxicas da mandioca (mandioca **amarga**, **brava** ou **venenosa**) consumindo-as como farinha, beiju e bebidas fermentadas alcoólicas (Métraux, 1948. a: 95-133).

Arqueol.: Na cerâmica da subtradição do Leste e Nordeste predominam os pratos rasos e as tigelas de base plana ou aplanada e borda cambada, reforçada externamente, que podem tingir até 55cm de diâmetro; vasilhas claramente relacionadas à tecnologia da preparação das variedades tóxicas da mandioca (Brochado, 1977 *in lit*).

Etnogr.: Os Guarani baseavam sua alimentação principalmente no milho, abóboras, feijões e nas variedades não-tóxicas da mandioca (mandioca **doce**, **mansa** ou **aipim**), as variedades tóxicas da mandioca tinham importância secundária e a farinha, o beiju e as bebidas alcoólicas da mandioca eram raramente consumidas (Métraux, 1948. b: 69-94).

Arqueol.: Na cerâmica da subtradição do Sul não existem ou são raras as vasilhas mais características da subtradição do Leste e Nordeste, como estão acima descritas. Predominavam as vasilhas de morfologia diferente — panelas, vasos ou jarros de forma esferóide ou periforme, contorno compósito, carenadas, com **pescoço** e **ombro** bem marcados — as quais foram claramente usadas não para secar ou assar os alimentos, mas para fervê-los em água. (Brochado, *in lit*).

Etnogr.: Os Tupi-Guarani, como todos os grupos indígenas que vivem num nível de cultura de floresta tropical, obtinham todo o amido de que necessitavam basicamente através da horticultura, mas para obter proteínas deviam recorrer a caça e pesca de maneira que precisavam alternar continuamente as duas atividades. Estes indígenas navegavam extensamente pelos rios e pela costa do mar em canoas de tronco ou casca de árvore, movidas por remos ou por varas.

Arqueol.: Os sítios com cerâmicas da tradição Tupiguarani efetivamente se concentram ao longo das margens dos rios maiores, de lagunas ou do oceano, com a possibilidade portanto dos seus portadores indígenas explorarem ao mesmo tempo os recursos fluviais e marinhos da pesca e coleta de moluscos e da caça na floresta, e praticar a horticultura de **coivara** na floresta.

Nos sítios afastados dos rios e do mar, se observa o empobrecimento da cultura material, devido a dificuldade do acesso as fontes potencialmente mais ricas de proteínas.

Etnogr.: As armas usadas pelos Tupi-Guarani tanto para caçar e pescar, como para guerrear, eram todas confeccionadas de madeira: arco e flecha, tacape, dardos e lanças; mas os machados para a derrubada da mata na **coivara** possuíam lâminas de pedra polida.

Arqueol.: Efetivamente, não se encontram pontas-de-flecha, dardo ou lança, confeccionadas de pedra, nos sítios da tradição Tupiguarani, mas são características as lâminas de machado trapezoidais de pedra polida.

Etnogr.: As famílias extensas dos Tupi-Guarani viviam em casas de vigamento de madeira, cobertas de palha, que eram muitas vezes comunais, tinham grandes dimensões e abrigavam uma linhagem inteira. As aldeias, construídas no centro de clareiras eram bastante móveis e constituídas de uma ou mais linhagens. O número de habitantes podia variar desde menos de uma centena até dois ou tres mil, conforme os recursos disponíveis nas proximidades. No Sul, em épocas tardias, as casas eram muito pequenas e as aldeias reuniam apenas algumas dezenas de índios.

Arqueol.: Nos sítios, o local das habitações está indicado pela concentração superficial dos fragmentos de cerâmica da tradição Tupiguarani, portanto suas dimensões podem ser calculadas e tanto as dimensões das casas como das aldeias conferem muitas vezes com as descritas para as habitações e aldeias dos Tupi e Guarani. A pouca profundidade da camada arqueológica e o número não muito grande de fragmentos acumulados indica que efetivamente a ocupação indígena teria tido curta duração.

No sul, vestígios de antigas aldeias dos Tupi Guarani missionarizados no século XVII, correspondem às descrições etnográficas de como eram antes da missionarização **(Brochado, 1970.)**

Etnogr.: A pesar que a forma de disposição dos mortos variava bastante, alguns grupos Tupi e Guarani costumavam enterrar os mortos direta ou indiretamente, em vasilha de cerâmica de dimensões variáveis. Costumavam também se reunir em grandes bebedeiras cerimoniais de alcool produzido pela fermentação, por meio da saliva, da mandioca, milho, batata doce ou frutas; bebedeiras muitas vezes relacionadas ao complexo da guerra e antropofagia ritual.

Arqueol.: Na subtradição do Sul, as grandes vasilhas de forma periforme, contorno composto, carenadas, com **pescoço** e ombros bem marcados, próprias para fermentar bebidas, são frequentemente encontradas enterradas, contendo restos humanos, em evidente conexão com os locais das antigas aldeias. Na subtradição do Leste e Nordeste as grandes tigelas de base plana ou aplanada, usualmente com o perímetro da boca oval ou quadrangulóide, é que são usadas como urnas funerárias.

D. Dispersão dos Tupi-Guarani

Etnogr.: Os Tupi e Guarani eram guerreiros eficientes, conquistadores que estavam constantemente expandindo a sua área vital por meio de extensas migrações, começadas muito antes das Descobertas. Possivelmente o fato de poderem acumular excedente de alimento na forma da farinha de mandioca (Tupi) ou de milho (Guarani) lhes deu um precioso apoio logístico, permitindo desenvolverem verdadeiras campanhas militares de alguns meses de duração, o suficiente para vencerem a resistência dos antigos

habitantes dos territórios ocupados, que por serem caçadores e coletores ou praticarem uma horticultura menos produtiva, não podiam fazer o mesmo.

Quando em campanha, a antropofagia dos vencidos poderiam fornecer proteína, sem necessidade de caçar e pescar.

Em muitos casos iniciaram-se processos de aculturação intertribal com os antigos habitantes que, quando resultaram na sua absorção, foram chamados "tupinização" ou "guaranização" pelos cronistas.

Arqueol.: A presença de datações absolutas e relativas cada vez mais recentes, em sítios cada vez mais afastados de um centro comum, indica a expansão da cerâmica da tradição Tupiguarani sobre uma imensa área, a partir de um centro relativamente pequeno. Em muitos sítios se observam fragmentos de cerâmicas estranhas e mais tarde se advertem fenômenos de aculturação, principalmente a adoção de traços da cerâmica da tradição Tupiguarani por cerâmicas de outras tradições, regionais, mais raramente ocorrendo o inverso.

Etnogr.: Os Tupi e Guarani não mantinham integração política sobre grandes áreas, apesar de possuírem uma grande integração cultural que mantinha a língua Tupi-Guarani unificada sobre toda a imensa área da sua dispersão. Provavelmente não tinham uma visão de conjunto de toda a área que ocupavam, mas recordavam suas migrações desde uma terra longínqua.

Os mecanismos de difusão da língua Tupi-Guarani incluíram (1) extensas migrações dos falantes Tupi-Guarani, (2) a imposição da cultura aos vencidos, e (3) a adoção voluntária da cultura dos vencedores por grupos periféricos. A manutenção da unidade da língua deve ser atribuída a frequentes contatos por meio de viagens e a inter-casamentos entre grupos locais mesmo muito distantes.

Arqueol.: A integração da cultura e a unidade da língua Tupi-Guarani sobre imensas áreas, corresponde à imensa difusão de diversos traços característicos da cerâmica da tradição Tupiguarani como (1) o tempero de grãos de cerâmica moída, (2) a confecção das vasilhas pela técnica do enrolamento em espiral (acordelada), (3) a decoração plástica corrugada, corrugada-ungulada e ungulada, (4) a pintura policrômica composta de linhas finas e faixas mais largas em vermelho e/ou preto e/ou castanho, desenhadas sobre um fundo pintado de branco ou creme e (5) as bordas de perfil cambado e reforçadas externamente.

A homogeneidade das características da cerâmica é ainda maior dentro da área de cada uma das duas subtradições mais bem definidas; a da subtradição da região Leste e Nordeste, coincidindo com a área de dispersão dos Tupi costeiros, e a da subtradição da região Sul, coincidindo com a área de dispersão dos Guarani.

Além disso, as etapas do processo de evolução da cerâmica da tradição Tupiguarani, diacronizadas pelas datações absolutas radiocarbônicas (14) e pelas seqüências seriadas baseadas no cálculo da frequência relativa dos atributos da cerâmica; parecem ter sido incrivelmente sincrônicas também dentro da área de cada subtradição. O mecanismo de transmissão dos padrões vigentes na cerâmica, capaz de manter a sincronia da mudança, deve em determinado momento, ter sido, como no caso da manutenção da unidade da língua, as frequentes viagens e inter-casamentos entre grupos locais mesmo muito distante.

A cerâmica da tradição Tupiguarani deve ter-se difundido do mesmo modo que a língua Tupi-Guarani, apesar de que a dispersão daquela não é inteiramente coincidente com a desta, como, por exemplo, ocorre na Amazônia. Os mecanismos de dispersão da tradição cerâmica devem ter sido os mesmos de difusão da língua, sendo que as situações (2) e (3) são indicadas pelas evidências de aculturação na cerâmica.

A evolução da cerâmica da tradição Tupiguarani pode ser acompanhada desde pelo menos o século V da nossa Era, até a cerâmica dos sítios históricos ocupados pelos Tupi e Guarani nos séculos XVI e XVII, desta forma minimizando as dúvidas, muitas vezes levantadas, a respeito de se uma cultura arqueológica de data muito antiga, pode ser identificada com uma cultura etnográfica.

Além do mais também não existe em toda a área ocupada outrora pelos Tupi costeiros e pelos Guarani, outra tradição cerâmica que possa ser identificada como sendo a cerâmica produzida por estes grupos indígenas. Nenhuma das tradições cerâmicas regionais: Vieira, Itararé, Aratu, Una, Uru etc.: apresenta as condições mínimas necessárias e suficientes para isso. Faltam, em primeiro lugar, correspondências entre características tais como, o tratamento da superfície e a morfologia das vasilhas, conforme foram descritas pelos cronistas. Por exemplo, a cerâmica dos Tupi costeiros foi descrita como pintada em vermelho e/ou preto sobre fundo branco, e não existe nenhuma outra cerâmica arqueológica policrômica na área antes ocupada por eles. Em segundo lugar, também não existe coincidência entre a distribuição espacial ecológica da cerâmica e o dos Tupi-Guarani, nem existe qualquer relacionamento destas com os sítios históricos ocupados pelos Tupi costeiros ou pelos Guarani.